

---

## The use of ICT in field classes and offline, online and online fieldwork

### O uso das TIC nas aulas em campo e trabalhos de campo off-line, on-line e *onlife*<sup>1</sup>

Received: 08-07-2024 | Accepted: 10-08-2024 | Published: 14-08-2024

---

#### **Carlos Eduardo Santos Maia**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2035-4362>

Departamento de Geociências, Universidade Federal de Juíz de Fora, Brasil

E-mail: [carlmaia@uol.com.br](mailto:carlmaia@uol.com.br)

#### **Flávia Kênia de Jesus Sousa**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3374-1190>

Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

E-mail: [flaviakenia2018@gmail.com](mailto:flaviakenia2018@gmail.com)

#### **Magno Angelo Kelmer**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4905-4889>

Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

E-mail: [magnokelmer@gmail.com](mailto:magnokelmer@gmail.com)

---

#### **ABSTRACT**

This work aims to discuss the use of Information and Communication Technologies – ICT as teaching strategies in classes and fieldwork in online, offline and *onlife* modes, as, especially after the pandemic, students are accessing each increasingly using the web during classes via their cell phones, notebooks and iPads, which is not an isolated case, but a worldwide phenomenon. Based on experiences as teachers, the article presents the concepts to be explored and the experiences lived by the authors in peculiar situations of using ICT as teaching support. It also discusses deliveries of Chromebooks by the Government of the State of Goiás to students in the state education network and its contradiction in prohibiting, by virtue of State Law and a Note of Recommendation from the State Department of Education, the use of devices electronics in the classroom. It is concluded that it is necessary to critically rethink pedagogical practice using ICT both within school units and in field work and classes.

**Keywords:** Teaching 1; Didactics 2; Learning 3.

---

---

<sup>1</sup> Adverte-se que este artigo é acrescido de informações ao original que foi apresentado no XII Fórum Nacional NEPEG de formação de professores de Geografia e será publicado nos anais deste.

## RESUMO

Este trabalho objetiva discutir o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC como estratégias de ensino em aulas e trabalhos de campo nos modos on-line, off-line e *onlife*, pois, principalmente após a pandemia, os/as estudantes estão acessando cada vez mais a web durante as aulas por seus celulares, notebooks e ipads, o que não é um caso isolado, mas um fenômeno mundial. Baseado nas experiências como docentes, o artigo apresenta os conceitos a serem explorados e as vivências dos autores em situações peculiares de uso das TIC como suporte didático. Discorre-se ainda sobre entregas de Chromebooks por parte do Governo do Estado de Goiás a estudantes da rede estadual de ensino e sua contradição ao proibir, por força de Lei Estadual e de Nota de Recomendação da Secretaria de Estado da Educação, o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula. Conclui-se que é preciso repensar criticamente a prática pedagógica com servência das TIC tanto dentro das unidades escolares, quanto nos trabalhos e aulas em campo.

**Palavras-chave:** Ensino 1; Didática 2; Aprendizagem 3.

---

## INTRODUÇÃO

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC é um “tema comum” nos debates atuais acerca das estratégias de ensino, visto que mais e mais pessoas (administração, docentes e discentes) as utilizam no dia a dia para diversas tarefas, não podendo o processo de ensino-aprendizagem estar alheio a esta realidade social. Particularmente no pós pandemia e a consequente instituição compulsória do ensino remoto, o hábito de “conectar-se” durante as aulas parece ter agravado a “dependência da internet” e se constitui como “o novo normal” para pessoas de diferentes faixas etárias; o que tem merecido amplos estudos devido à sua dimensão patológica, como a nomofobia (Pirocca, 2012; Tumeleiro, 2018; Abreu; Karam; Goés; Spritzer, 2008).

Destarte, as salas de aula tornaram-se um ambiente onlife em que não raro os/as estudantes estão sentados/as em suas cadeiras e conectadas/os em chats, jogos e redes sociais, pois as TIC, como nota Tedesco (1998), são uma resposta aos novos valores e necessidades sociais, satisfazendo a dupla exigência do individualismo, por um lado, e da integração social, de outro. Assim, o “novo normal” tornou-se um mundo onde é quase impossível separar o estar on-line do off-line, levando-nos à compreensão de uma hibridação: o onlife que, na concepção de Floridi (2015), representa com competência a nova condição humana permeada pelas TIC, não existindo mais a separação entre real e virtual.

Como previne Silva, o/a próprio/a professor/a “precisa preparar-se para professorar on-line”, estando ciente de que “(...) não basta ter o computador conectado em alta velocidade de acesso e amplo fornecimento de conteúdo para assegurar qualidade em educação. Em vez de transmitir meramente, ele precisará aprender a disponibilizar múltiplas ocorrências” (Silva, 2006, p.12).

É notório, no que se refere à realidade escolar, que as TIC facilitam o acesso a livros, artigos e outras fontes de informação e pesquisa; mas também aos “trabalhos prontos” e “produzidos” pela nefasta mecânica do Ctrl+C e Ctrl+V, ou, mais recentemente, por chats de “inteligência artificial”. Concordamos com Lévy (1999) ao asseverar que as novas tecnologias são profícuas quando o/a docente sabe utilizá-las, inserindo-as habilmente em suas aulas.

Tendo-se em conta a relevância e a inexorabilidade das TIC, objetiva-se discutir o seu uso no planejamento e execução de aulas em campo e trabalhos de campo off-line, on-line e onlife.

### **Metodologia**

Como metodologia, partiu-se de revisão bibliográfica sobre os temas e das memórias de práticas docentes que discorrem acerca das “experiências cotidianas passadas” e que absorvem as “texturas espaciais e registros afetivos (Jones, 2011). As práticas foram realizadas com alunos/as do ensino fundamental II e do ensino médio da Rede CNEC em Juiz de Fora, estudantes do primeiro ano do ensino médio da Rede Estadual de Goiás e estudantes de graduação em Geografia do primeiro período da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Tem-se assim, realidades distintas quanto ao uso das TIC na relação ensino-aprendizagem.

### **Resultados e Discussões**

Iniciando a conversa, consideramos importante diferenciar “aula em campo” e “trabalho de campo” e, para tanto, recuperamos as seguintes advertências de Oliveira e Assis:

A aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido. E ainda temos a certeza que essa aula não gera apenas isso... (2009, p. 198)

A aula em campo é uma maneira de abordar, de modo mais vibrante, os conteúdos escolares propostos nos planejamentos e nos livros e diretrizes didáticas, dando margem aos imprevistos oriundos de conflitos, dilemas e contradições presentes no espaço-tempo experienciado como vivido, antecedendo mediações representacionais. Pode-se fazer uma aula em campo tanto para iniciar um conteúdo novo, como para fixar ou avaliar conteúdos já dados. Note-se que a aula em campo, a visita técnica e o trabalho de campo implicam em “tarefas pré-excursão, excursão e pós-excursão que

podem levar várias semanas para serem concluídas. Todas as etapas levam à resolução de um problema complexo” (Brickell, Herrington, Harper, 2005 – tradução dos autores). Ressalte-se que isto “exige orientação dos docentes como orientadores ao longo de toda a atividade, desde o planejamento, execução, até a pós-atividade de campo.” (Mundandar et al. 2018 – tradução dos autores), dado que a aula em campo é composta por “tarefas práticas e imersivas, onde os alunos têm a oportunidade de se envolverem no ‘mundo real’, ainda que brevemente, antes de regressarem à ‘teoria’ da sala de aula.” (Brickell, Herrington, Harper, 2005 – tradução dos autores).

Deve-se permitir que os/as discentes participem do planejamento, inclusive sugerindo “pontos de parada” onde haverá discussões, disponibilizando-se, antes da aula, um plano que contenha informações básicas, quais sejam: onde, quando, como, o quê e por quê será discutido? Faz-se necessário ainda advertir aos/às estudantes que a aula em campo não é um mero passeio, apesar desta ser um “um corpo didático que não tem como ser separado da sensação de lazer, ansiedade, angústia e novidades” (Oliveira; Assis, 2009, p. 198). Assim, na aula em campo há um processo colaborativo de programação que redefine e própria “aula”, cuja etiologia conceitual

(...) tem, ao longo dos anos, levado o educador e o educando a entenderem que aprender em situações escolarizadas significa, simplesmente, reproduzir os conteúdos programáticos das matérias escolares com perfeição, isto é, tal como foi transmitido durante as aulas. (Rays, 2002, p. 85 – 86)

Precisa-se também discriminar aula em campo, essencialmente uma atividade processual, didático-pedagógica e colaborativa entre docentes-discentes, da “visita técnica em campo” realizada em determinados locais e instituições em que tanto docente, quanto discentes são monitorados e informados ao longo da visita por especialistas do próprio local visitado. A visita técnica, como exaram Araújo e Quaresma (2014, p. 33), é “uma atividade complementar aos componentes curriculares dos cursos como um mecanismo de integração entre a universidade e o mundo do trabalho, objetivando a complementação didático-pedagógica das disciplinas teóricas e práticas, bem como a aproximação dos alunos com o ambiente de trabalho.” Santos e Lourenço (2018, p. 4), paralelamente, assinalam que visitas técnicas são “instrumentos motivadores do processo de ensino e aprendizagem dos alunos em suas áreas de interesse, com uma excelente preparação e formação para o

mercado de trabalho, e com possibilidade de contatos profissionais para possíveis estágios e/ou trabalho”.

Já o trabalho de campo é uma atividade que implica no desenvolvimento de uma pesquisa, na qual busca-se levantar e/ou “resolver” certo problema num local pré-determinado a partir de aportes teórico-conceituais e temáticos. Desse modo, o/a professor/a, ao planejar uma aula em campo, deve realizar antes um trabalho de campo; ou seja, o trabalho de campo deve anteceder a aula em campo (Oliveira; Assis, 2009) para (re)conhecimento da realidade e favorecimento do alcance dos objetivos traçados e dos resultados esperados. O trabalho de campo pode ser ainda uma atividade programada para ser dirigida pelos/as próprios/as estudantes, que farão uma pesquisa prévia sobre determinado tema, local e conceito sugeridos pelo/a professor/a. Esta pesquisa prévia costuma se constituir numa atividade de campo on-line no ciberespaço, em que levantam-se dados que serão, posteriormente, confrontados com a realidade vivida no campo off-line, ou *onlife*. Este confronto entre o pesquisado no campo online e a realidade vivida no trabalho de campo off-line, ou *onlife*, deve ser orientado pelo/a docente de modo que contribua para ampliação do senso crítico dos/das estudantes, bem como para que isto se torne significativo à disciplina ministrada e à formação geral dos/das discentes.

Quem leciona para os/as pré-adolescentes e/ou adolescentes convive diariamente com os/as chamados/as “Nativos/as digitais”, quer dizer, estudantes destemidos/as diante dos desafios expostos pelas TIC e que experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais, possuindo a capacidade de realizar múltiplas tarefas (Prensky, 2001) sem ao menos acessarem as páginas de um manual. O universo desses/as alunos/as é pontuado pelo uso da tecnologia em suas mais variadas facetas. Desse modo, há os/as que dominam e têm acesso a diversos aparelhos que os/as conectam no ciberespaço; como também os/as que, mesmo sem ter acesso, quando o tem, sabem utilizá-lo; por outro lado, notam-se ainda aqueles/as que nunca tiveram acesso à tecnologia digital e à internet.

No relato de Kelmer (2020) tem-se uma realidade bem peculiar em relação ao uso das TIC em sala de aula. A Rede CNEC (Campanha Nacional das Escolas da Comunidade) realiza avaliações de conteúdos com os/as alunos/as, ENEC (Exame Nacional dos Estudantes CNEC), e, em 2017, realizou-se o exame de forma digital. Na rede, cada aluno/a possui seu *login* e senha para acessar a plataforma digital e navegar por páginas de conteúdos, vídeos, games, atividades e avaliações.

Como a aplicação do simulado de forma on-line apresentou grande resistência por parte dos/as alunos/as, decidiu-se organizar uma pesquisa com eles/as e os resultados demonstraram que, em um universo com 52 alunos/as do ensino fundamental II e 84 alunos/as do ensino médio, 74,3% defenderam a forma impressa e 25,7% a forma digital. Para a pergunta sobre o que mais gostam de fazer no computador, 53,7% citaram os jogos on-line, 25% os vídeos e as músicas e 21,3% as pesquisas para a escola. Acerca da pergunta direcionada ao uso da internet no seu cotidiano, 83,8% dos/as alunos/as citaram as redes sociais e 16,2% apontaram o uso para assistir vídeos ou ouvir músicas. A última pergunta abordava as tarefas postadas na plataforma on-line e 72,8% afirmaram não gostar e 27,2% disseram gostar dessa forma de lidar com as atividades escolares. Estes dados contrariaram a expectativa da Rede que apostava alto na satisfação do/a aluno/a com o uso do formato digital.

Destarte, pôde-se constatar que a maioria dos/as alunos/as não gostam de utilizar a área da informática para atributos escolares. O uso da internet é para eles/as um momento de lazer e descontração, de modo que utilizá-la com responsabilidades e cobranças escolares não é uma boa prática. Um aluno do ensino médio chegou a responder: “escola é escola” e “lazer é lazer”... “não venham invadir nossa praia”. Essa investigação, ainda que incipiente e com uma amostra pequena de alunos/as, pode ajudar a entender o atual momento, no qual o uso das TIC invadiu o ambiente escolar.

Na tentativa de dar um salto na educação no Estado de Goiás, o Governador Ronaldo Caiado começou a distribuição de 60 mil *Chromebooks* em 2021. Em entrevista veiculada nas redes sociais, jornais e telejornais da região metropolitana Caiado afirma: “Chegamos à educação do século XXI. Saímos de um quadro analógico para um momento mais sofisticado, moderno, atual e com objetivo único de gerar conhecimento” (Goiás, [2021?]) que, segundo a Secretaria de Estado da Educação de Goiás, era a meta (do momento), e complementa: “dar a esses alunos condições de ampliar conhecimentos e de estarem melhor preparados para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), considerado a principal porta de entrada para a universidade” (Goiás, [2021?]). A Secretaria de Estado da Casa Civil (GO) enfatizou ainda que “os alunos que não tiverem conectividade em casa para utilizar as funcionalidades do computador poderão utilizar a escola como ponto de apoio para baixar vídeos e atividades e atualizar os programas, e continuar os estudos de forma off-line em casa” (Goiás, 2021).

Desse jeito, os/as alunos/as poderiam utilizar a rede de Internet das escolas em “seus” aparelhos; rede esta que foi mais um investimento dos cofres do estado em tecnologia. Fez-se sua aquisição pelo programa Conectar em maio de 2021, “que destina às escolas estaduais, mensalmente, recursos proporcionais ao número de estudantes matriculados para a contratação de pacotes de Internet com velocidade suficiente para atender todos os seus alunos e professores” (Goiás, 2021). O objetivo inicial não foi plenamente alcançado, já que os dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) revelaram que Goiás, nos últimos três anos (2021, 2022 e 2023), não apresentou no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem - resultados melhores que os anteriores a 2021, em que não havia a ampliação da tecnologia destinada aos/as alunos/as por parte do governo. Paradoxalmente, na contramão do incentivo à conectividade, a Secretaria de Estado da Educação de Goiás, aos 08 de fevereiro do corrente ano reafirmou, em Nota de Recomendação no 1/2024 – SEDUC/GESG-05716, a Lei goiana de 10 de maio de 2010 sob n.º 16.993 em que proíbe o uso de telefone celular, e de outros aparelhos eletrônicos, nas escolas da rede pública estadual de ensino.

Em maio de 2023 a autora, na qualidade de professora da Rede Estadual de Goiás, realizou uma atividade em que os/as estudantes do primeiro ano do ensino médio foram divididos em grupos para confeccionarem um produto educacional que podia ser, por exemplo, um software, um jogo, um pequeno livro, etc. com o tema Cerrado e o apresentasse na Semana Mundial do Meio Ambiente (de 05 a 09 de junho de 2023). Seis alunos/as fizeram um “Jogo do Cerrado” (Figura 1), baseado no seguinte material fixado no endereço online: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600661>.

**Figura 1:** Exposição do Produto Educacional (Jogo do Cerrado) no Colégio Estadual Menino Jesus.



Fonte: “J”<sup>2</sup>, 2023 (arquivo pessoal).

Perceba que, até no momento da apresentação do material elaborado de forma impressa, os/as estudantes portam/usam seus celulares (sobre a mesa e no tirar a selfie). Para a confecção do jogo, no dia 31 de maio de 2023, este grupo de estudantes teve aulas em campo com a professora no Memorial do Cerrado, localizado na área da Universidade Católica de Goiás, no Jardim Mariliza em Goiânia-GO. Com a culminância do projeto, a docente pediu um dos componentes do grupo que enviasse as fotos e/ou filmagens obtidas na ocasião (Figura 2) para futuras apreciações. No segundo plano das imagens note-se que, em diversos momentos, mesmo durante as explicações (Figura 2, A, B e C), os/as estudantes estavam fazendo uso de seus aparelhos celulares.

Não se pode negar o modo *onlife* presente em todas as etapas do projeto, isto é, a tecnologia mediando e moldando a prática pedagógica e a interação humana pela hiperconectividade (seja on-line ou off-line). A partir das TIC os/as alunos/as foram capazes de elaborar de forma off-line o jogo do “Cerrado” por meio de tabelas, do *Word* e da inserção de figuras. Recorreram ainda à realidade virtual on-line para pesquisarem exemplos de jogos didáticos, figuras de animais do Cerrado e divulgarem suas fotos da aula em campo e o produto final nas redes sociais.

---

<sup>2</sup> Decidiu-se chama-lo por esta letra “J” para não identificar o aluno que é menor de dezoito anos.

**Figura 2:** Uso de celulares durante aula de campo

Fonte: “J”, 2023 (arquivo pessoal).

Outra experiência de um dos coautores que merece comentários é a de sua prática docente com estudantes de graduação em Geografia da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) em trabalhos de campo off-line, na Cidade do Rio de Janeiro, no retorno das aulas presenciais pós pandemia. Para esta atividade, as turmas são divididas em grupos com locais, temas e conceitos que devem ser levantados on-line, realizando-se uma pesquisa exploratória para produção de um texto escrito e com levantamento de dados para serem expostos no trabalho de campo off-line. No dia do trabalho de campo off-line, todos os grupos deveriam entregar a pesquisa escrita e realizar a sua apresentação para a turma dos dados levantados. Um dos critérios de avaliação tanto do texto produzido no trabalho de campo on-line realizado no ciberespaço, como da apresentação *in loco* no trabalho de campo off-line (sendo que alguns/algumas componentes do grupo o fizeram *onlife*, pois consultavam as informações a serem repassadas para o restante da turma nos arquivos salvos em seus celulares) seria a correlação dos princípios clássicos da Geografia, conforme discriminados por Nogueira e Carneiro (2009) com os locais e temas informados para pesquisa durante a atividade off-line. Para cada tema e local foi dado um texto obrigatório da obra *Tipos e Aspectos do Brasil* (IBGE, 1970), que talvez seja aquela que mais representa o pensamento geográfico clássico brasileiro, a qual foi disponibilizada no *Google Classroom*, em pdf, para consulta. Um dos temas informados foi a “floresta da encosta oriental”, cuja apresentação dos grupos ocorreria nas encostas da Pedra do Telégrafo e adjacências, situadas no Bairro de Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro. Na caminhada rumo à Pedra do Telégrafo, onde mais 2 grupos fariam suas exposições sobre outros temas, o professor chamou atenção dos estudantes para que observassem a placa informativa no início da trilha (Figura 3), na qual situava-se o “lugar” nos

domínios do Parque Estadual da Pedra Branca, tendo os/as estudantes parado sob e ao lado da placa para aquele ritual de tirar selfie e fotos em geral do local visitado.

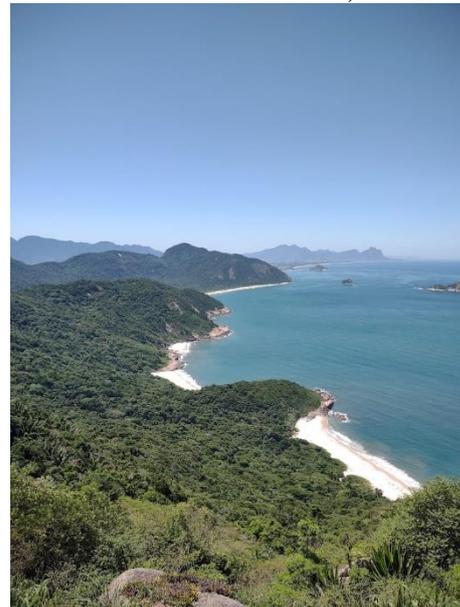
Causou espécie ao se constatar que, os grupos responsáveis pelo tema, ao apresentarem para a turma o trabalho *in loco* no campo *off-line/onlife*, informaram que o local pertencia ao Parque Nacional da Tijuca e que, entre suas possibilidades, dali podiam-se ver o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, cuja visibilidade é absolutamente impossível de onde estávamos (Figura 4). Ou seja, não houve sequer a coerência entre o vivido, o percebido e o concebido na fala, o que se repetiu no texto entregue pelos dois grupos; de modo que a placa da trilha serviu mais como um instrumento “instagramável” do que uma fonte instrutiva da localização, primeiro princípio da Geografia que deveriam obedecer nas exposições orais e no texto escrito, considerando o texto básico de pesquisa. Isto levanta a questão de como são feitas as “buscas” on-line na internet para se obter informações da realidade off-line.

**Figura 3:** Placa informativa na entrada do Parque Estadual da Pedra Branca (Bairro de Barra de Guaratiba – Rio de Janeiro - RJ)



Fonte: Luan Martins Ferreira, 2022 (arquivo pessoal).

**Figura 4:** Vista da Pedra do Telégrafo (Bairro de Barra de Guaratiba Rio de Janeiro - RJ)



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia, 2021 (arquivo pessoal).

### Considerações finais

Conclui-se que as TIC se fundem na vida cotidiana contemporânea e, conseqüentemente, no sistema educacional. Portanto, não há como separá-las do

processo ensino-aprendizagem, voltar a utilizar somente os métodos tradicionais de ensino e simplesmente proibir o uso de celulares nas escolas. O ideal é repensar o seu uso e dos demais aparelhos eletrônicos, colocando-os como aliados à prática docente tanto dentro das unidades escolares, quanto nos trabalhos, aulas e visitas técnicas de campo por meio da reformulação do Projeto Político Pedagógico de cada escola. De modo geral, é possível fazer das TIC aliadas às novas formas de aprender, ensinar, e aprender a ensinar de modo crítico, reflexivo e criativo. Mas, será que todos/as os/as professores/as se sentem seguros/as para trabalharem com o auxílio das TIC ou precisam de formação continuada para tal? É de suma importância responder esta questão, pois os/as docentes são responsáveis por propiciar novas formas de apresentação dos conteúdos e condições de aprendizagem e os/as discentes são os sujeitos que constroem os seus conhecimentos por meio de pesquisas mediadas pelas/os docentes. Pensemos...

## AGRADECIMENTOS

À FAPEG - Fundo de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás na concessão de bolsa de doutorado ao autor Magno Angelo Kelmer.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GOÉS, D. S.; SPRITZER, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Rev. Brasileira de Psiquiatria**, 30, 156-167. 2008. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462008000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000200014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 mai. 2012.

ARAÚJO, Glausirée Dettman de; QUARESMA, Adilene Gonçalves. Visitas guiadas e visitas técnicas: tecnologia de aprendizagem no contexto educacional. **Competência**, Porto Alegre, RS, v. 7, n. 2, p. 29-51, 2014. Disponível em:

<https://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/175/196> Acesso em: 19 jul. 2024.

BRICKELL, Gwyn J.; HERRINGTON, Janice A.; HARPER, Barry M. Integrating problem-solving strategies and fieldwork into an authentic online learning environment. **Faculty Of Education - Papers (Archive)**. University of Wollongong – Australia, 2005. Disponível em: <https://ro.uow.edu.au/edupapers/534/> Acesso em: 19 jul. 2024.

FLORIDI, Luciano. **The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era**. New York: Springer open, 2015.

GOIÁS (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. **Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular na sala de aula das escolas da rede pública estadual de ensino**. Diário Oficial de Goiás de 14 de maio de 2010. Goiânia, GO: 2010.

Disponível em: [https://www.mpgo.mp.br/portalweb/hp/10/docs/lei\\_no\\_16.993\\_de\\_10\\_de\\_maio\\_de\\_2010.pdf](https://www.mpgo.mp.br/portalweb/hp/10/docs/lei_no_16.993_de_10_de_maio_de_2010.pdf). Acesso em: 01 mar. 2024.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Casa Civil. **Governo de Goiás inicia entrega de 60 mil computadores e inaugura obras de quatro unidades da rede estadual de ensino**. [Goiânia]: 12 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9338-governo-de-goi%C3%A1s-inicia-entrega-de-60-mil-computadores-e-inaugura-obras-de-quatro-unidades-da-rede-estadual-de-ensino.html#:~:text=Os%20Chromebooks%20s%C3%A3o%20distribu%C3%ADdos%20para,entrega%20no%20Dia%20do%20Estudante>. Acesso em: 01 mar. 2024.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Governo de Goiás atinge marca recorde de R\$ 1,7 bilhão de investimentos em educação**. [Goiânia]: [2021?].

Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/sala-de-imprensa/noticias3/145-governo-de-goias-atinge-marca-recorde-de-r-17-bilhao-de-investimentos-em-educacao.html>.

Acesso em: 02 mar. 2024.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Gerência da Secretaria Geral. **Nota de Recomendação nº 1/2024 – SEDUC/GESG-05716**. Goiânia: SEDUC/GESG, 2024.

Disponível em:

[https://sei.go.gov.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=57956180&infra\\_siste...](https://sei.go.gov.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=57956180&infra_siste...) Acesso em: 4 fev. 2024.

IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

JONES, O. Geography, Memory and Non-Representational Geographies. **Geography Compass**, 5/12, p. 875-888. 2011. Disponível em:

<https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-8198.2011.00459.x>.

Acesso em: 07 mai. 2023.

KELMER, Magno Angelo. A Escola invadindo a praia dos alunos. In: I COEDU – Congresso de Educação Digital – UNIESP, 2020, Colinas do Tocantins. **Anais de resumos (simples) do I COEDU**, 2020. p. 53.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MUNANDAR, Aris et al. Fieldstudy assessment in geography at teacher's college in Indonesia. In: **IOP Conference Series: Earth and Environmental Science**. IOP Publishing, 2018. p. 012050. Disponível em:

<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1755-1315/145/1/012050/meta> Acesso em: 19 jul. 2024.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã: contribuições dos princípios geográficos. **Boletim de Geografia**, p. 25-37, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8434/4736> Acesso em: 08 mar. 2024.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 1, p. 195-209. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a13v35n1.pdf>.

Acesso em: 06 mai. 2023.

PIROCCA, C. **Dependência de internet, definição e tratamentos**: revisão sistemática da literatura. Monografia não publicada, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RAYS, Oswaldo Alonso. O conceito de aula: um dos saberes necessários à práxis pedagógica. In: RAYS, Oswaldo Alonso (org.). **Educação**: Ensaios reflexivos. Santa Maria: Palotti, p. 84-104, 2002.

SILVA, Marco. (org). **Educação Online**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SANTOS, Valdeci Bosco dos, LOURENÇO, Ariane Baffa. A Visita Técnica como Recurso Didático para o Ensino de Ciências: uma experiência no Curso de Engenharia de Materiais. *Lat. Am. J. Sci. Educ.* 5, 2018. Disponível em: [https://www.lajse.org/nov18/2018\\_22003.pdf](https://www.lajse.org/nov18/2018_22003.pdf) Acesso em 19 jul. 2024.

TEDESCO, Juan C. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 1998.

TUMELEIRO, Lucas Franco et al. Dependência de internet: um estudo com jovens do último ano do ensino médio. **Rev. Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 279-293. 2018 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202018000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 mai. 2023.